

A photograph of Diego Maradona, the Argentine football player, kissing the FIFA World Cup trophy. He is wearing a blue and white striped jersey. The background is slightly blurred, showing other people in suits.

A MÃO DE DEUS

A MINHA VERDADE

Autobiografia

DIEGO ARMANDO MARADONA

v o g a i s

DANIEL ARCUCCI nasceu em Puan, província de Buenos Aires, em setembro de 1963. Começou a carreira no diário *Tiempo Argentino*, em 1983. No final desse ano, passou a colaborar com a revista *El Gráfico*. No Natal de 1985, realizou a sua primeira entrevista a Diego Armando Maradona e, desde então, nasceu entre ambos uma sólida relação pessoal e profissional. Para assinalar os 30 anos dessa entrevista, entrevistador e entrevistado voltaram a passar o Natal juntos, na mesma casa, em Villa Devoto. Arcucci acompanhou já Maradona para crônicas e reportagens em diferentes lugares do mundo, desde Buenos Aires até à China, desde Nápoles até ao Dubai, onde estiveram juntos um mês para acabar de dar forma a este livro. Hoje, depois de ter desempenhado as funções de secretário de redação do diário *La Nación*, trabalha na rádio (FM Metro), televisão (DirecTV) e colabora com diversos outros meios de comunicação nacionais e internacionais. Tinha 22 anos quando foi enviado especial do *El Gráfico* ao México '86, o seu primeiro Mundial, e cobriu todos os seguintes, até ao Brasil '2014. Foi o responsável pela redação da autobiografia de Maradona, *Eu Sou El Diego* (2000), e autor de *Conocer al Diego, Relatos de la Fascinación Maradoniana* (2001).

À memória dos meus queridos pais, *Don Diego e Doña Tota*,
que desde o céu me têm dado sempre a sua mão.

A Rocío, minha mulher, que me acompanha sempre.
A José Valiente e Mónica.
À avó Lucy.

A todas as minhas irmãs: Ana, Kity, Lily, Mary e Caly.
A Benjamín
Aos meus filhos.
Ao meu sobrinho Cacho.
Ao meu sobrinho Davu.

Ao Papa Francisco.
A todos os que lutam pela paz no mundo.

A Cristina.
À La Cámpora¹.
A Moreno.
Voltaremos, voltaremos.

A Fidel.
A Raúl.
A Maduro.
A Ortega.
Ao ministro Malmierca.
A Javier Sotomayor e a todo o povo cubano.
A todos os povos originários².
À memória de Chávez.
À memória de Che.

¹ Movimento político afeto ao *kirchnerismo* [N. do T.]

² Denominação coletiva dada às comunidades indígenas da América. [N. do T.]

Ao Xequê Mohamed Bin Rashid Al Maktoum.
Ao príncipe Hamdam Bin Mohamed Al Maktoum.
À princesa Haya Bin Al Hussain.
Ao príncipe Alí Ibn Al Hussein.
E a todos os Xequês que me brindaram com o seu apoio.

A todos os rapazes que trabalham para mim aqui no Dubai:
Nasser, Mohamed, Marawan, Gihad e Abu Baker.
A Al Rumaithi e sua família, de Abu Dhabi.

A Matías Morla e a Víctor Stinfale, que me tiraram do poço.

A todos os adeptos da seleção argentina.

Ao *Negro* Enrique e à sua querida família.

A *Flaco* Menotti.

A Fernando Signorini.

Ao *Gringo* Heinze.

A Palermo.

A *Flaco* Schiavi.

A *Pocho* Lavezzi.

A todos os argentinos.

A todos os adeptos do Boca.

A todos os napolitanos e ao meu amigo, o *Italiano*, Stefano.

A Víctor Hugo e sua família.

À família Casillo.

A Valerio Antonini.

Ao Dubai, que é a minha casa.

À paz e ao respeito que existem nos Emirados Árabes Unidos.

Aos *maradonianos*.

PRÓLOGO

DESLUMBRA-ME LER COMO DIEGO CONTA AQUELE GOLO

POR VÍCTOR HUGO MORALES

A medida que o início de tão importante partida — contra a Inglaterra — se aproximava, a adrenalina crescia. E, qual disco voador no espaço, o extraterrestre, com o seu emblema ao peito, preparava-se para provocar o pasmo mais profundo que o futebol alguma vez experimentara.

Existe uma espécie de trincheira vista desde o alto do estádio. Um sulco na terra pelo qual avança uma forte luz à velocidade de um cometa. Lá em baixo, ao fundo, no relvado do Azteca, na penumbra, Maradona imita o que às vezes podemos apreciar no céu. A luz que um astro incandescente abre no azul misterioso agora surge na Terra. Ali vai Diego, com a bravura de quem ostenta o estandarte do seu exército antes de um ataque definitivo. Diego corre entre as encostas de cores inglesas, saltando por entre armadilhas de pernas que buscam o impossível. E planta, como os grandes conquistadores, a sua bandeira.

Valdano, que de muito perto o acompanhava, contaria certa vez que Diego chegou a pedir-lhe desculpa por não lhe ter passado a bola. Disse-lhe que não tinha encontrado forma de o fazer. Valdano e os outros futebolistas ainda hoje se perguntam como foi possível reparar nesse detalhe durante

aquela arrancada memorável. A partir de uma das mesas da tribuna de imprensa, este cronista dos estádios sublinhou a façanha. «É a melhor jogada de todos os tempos», disse, e logo lancei aquelas poucas palavras, as do cometa cósmico, que desde há 30 anos marcam a minha carreira, desde esse invento insuperável de Diego.

Quantas jogadas se podem conceber na imediatez da ação? O que via o artista? O número de erros que se arriscava a cometer, desde o início do lance até chegar ao guarda-redes inglês, era infinito. As variantes que eu, o relator, imaginava, entre centenas de colegas amontoados, ofereciam um sumário tão amplo que tive de abandonar a narração convencional.

«Génio, génio, génio», foram as modestas palavras com que acompanhei o melhor do mundo naquela sua aventura, à medida que ele abria cicatrizes no relvado... Em que momento decidiu Maradona arrancar em direção à baliza contrária? O jogador avança, com os olhos na bola, mas quantas pernas, quantos metros quadrados de terreno consegue a sua visão periférica abarcar? Pode passar, travar, ir para um lado, rematar de longe. De mil formas a jogada podia ter sido uma entre biliões.

A coragem, a intuição, um Deus por detrás de Deus, como diria Borges¹, tornaram essa jogada única, definitiva e eterna. Maradona colocou a bola no fundo da baliza dos ingleses deixando pelo caminho um rasto de impotência e incredulidade.

«Quero chorar», disse com o punho cerrado quem vos escreve este prólogo, debruçado sobre a sua mesa, envolto em cabos e auriculares, enquanto Maradona corria pelo campo para celebrar a conquista.

¹ Jorge Luis Borges, célebre escritor e poeta argentino, que curiosamente faleceu enquanto decorria o Mundial '86. [N. do T.]

O corpo entregue ao prazer do grito. O desvario de uma mente que fica em branco, como se uma nuvem reben-tasse dentro das pálpebras fechadas. Não foi apenas a jogada. As emoções de vários anos condensaram-se num pequeno funil de razão. Era a façanha de Diego, do amado Diego de todos os fãs de futebol. Era a passagem às meias-finais do Mundial. Era contra os ingleses, e milhares de rapazes que teriam gritado golo não o puderam fazer, com as suas vozes apagadas quatro anos antes nas terras geladas das Malvinas. Ocorria num cenário adverso. E era a mais bela, ousada, co-rajosa e criativa das películas que o futebol havia produzido em toda a sua história.

30 anos depois, o Homem ainda não conseguiu diluir aquela marca. Salta mais alto, corre mais rápido, é mais resistente, o universo expande-se ainda mais para o infinito. Mas não consegue ultrapassar Maradona. Não é nada fácil: há que pegar na bola no próprio meio-campo, escapar a todos os adversários que surjam pela frente, ficar na cara do guarda-redes e colocar-lhe a bola no fundo da baliza. E tem de ser num Mundial.

Já que foi citado Borges, autor do conto *A Biblioteca de Babel*, aquele que fabulizava com todos os livros possíveis, há que estabelecer que, no futebol, Diego tornou possíveis todos os volumes que podem ser escritos sobre o desporto que ele exaltou como ninguém.

Numa só jogada, condensou o livro da intuição, o da ousadia, o da habilidade e também o da coragem, o da força, o da astúcia, o da genialidade, o da memória e todos quantos possam existir na biblioteca do futebol.

Quando subiram à arena, caminhando lado a lado em duas filas de jogadores, o discurso de Diego era persistente. Os colegas recordam que o capitão fez questão de lhes lembrar de onde vinham os adversários daquele dia. As expressões

não eram académicas. Eram de desafio. Mostravam a desfaçatez de quem não parece preocupado com um embate que resumirá a vida de um grupo de homens. Um incentivo à intrepidez, a dar o salto ou cair no vazio. Não sabia ainda que o que dizia aos homens que comandava se tornaria realidade, graças à conjugação da sua malícia e da sua arte nas ações decisivas da partida mais emocionante da história argentina. Se lhes disse «a estes ganhamos seja como for», ali o provou com o seu golo com a mão. Se a mensagem era que havia que mostrar a qualidade do futebol do país, ali o mostrou com a jogada que não necessita de mais descrições quando se diz «aquela do golo aos ingleses». Os seus colegas não revelam quais foram as suas palavras exatas. Talvez tenham sido demasiado fortes. Mas todos sustentam que quando Diego falava, falava.

Deslumbra-me ler a forma como Diego conta esse golo e fala desse jogo. O Mundial de 1986 foi a consagração de um génio que sabia que o seu reconhecimento pela História passava por aquele Campeonato do Mundo. Isso confere uma expressão ainda mais esclarecedora no que toca à grandeza da sua epopeia. O mito não nasceu do acaso. Maradona estava ciente do desafio. Dos duelos que se esperavam. De ter sobre si os olhos de todo o mundo. Estava obrigado a responder à altura de uma fama à qual faltava ainda, contudo, o reconhecimento universal. Preparou-se como um autêntico Rocky Balboa, procurando a perfeição do seu corpo com um sacrifício que poderia acabar por não servir para nada se não erguesse, no fim, o troféu. A vida é assim, cruel, quando somos o desafiante. O plano de imagens da sua corrida para a bola no golo à Itália é a sequência perfeita para demonstrar até onde havia chegado na sua aspiração de ser o melhor. A forma como, nos cinco metros finais, supera o seu marcador, como um autêntico velocista. O salto

perfeito e harmónico para encontrar o momento certo para bater a bola ainda no ar, sem esperar pelo conforto de ser esta a cair-lhe no pé. O sentido artístico do desvio certo com que finaliza o lance.

É mais cómodo para o ser humano que não haja uma grande expectativa sobre a tarefa a cumprir. Ser fiel depositário da esperança de milhões de pessoas na batalha mais esperada e temida é um peso impossível para os comuns mortais. Mas Diego disse antecipadamente que aquele seria o seu Mundial. Carregou sobre seus ombros a promessa feita a um país que tinha de demonstrar agora ter capacidade para se sagrar campeão em qualquer parte e para aumentar o seu palmarés também nos tempos da democracia. Era essa a meta e, se ela fosse falhada, ninguém mais do que Diego teria de dar explicações.

Deu o peito sempre que foi preciso jogar pelos outros, sem se separar nunca das suas origens e da sua rebeldia. Consciência de classe que nem com os castelos e os príncipes que o chamaram se apagou. Pertence, antes de tudo, à sua condição de jogador. À obscuridade do entardecer nos campos de futebol de rua como postal dos seus sonhos.

Mas o que é ser Maradona é ainda algo que temos para descobrir quando ele conta a sua história, levantando, para deleite dos leitores, o véu às tramas da sua vida, as quais apenas conhecemos superficialmente. Ele em frente ao espelho, à História, à vida, aos colegas, aos treinadores, aos adversários, aos estádios, aos guarda-redes, aos fotógrafos, até subir à tribuna e como que perguntar, depois de todas aquelas façanhas, «Que querem mais?»

Talvez nem mesmo Diego consiga, ele próprio, dizer quem é o homem que fascinou a audiência de toda a América no programa De Zurda, durante o Mundial do Brasil. A emissão da Telesur não tinha os golos nem as jogadas do Mundial,

mas contava com a magia de Maradona. Com os seus amigos, o seu sorriso e as suas lutas contra a FIFA corrupta, que sempre combateu apesar de tudo o que lhe iam tirando a cada passo, construiu uma relação de amor com os telespectadores do continente.

Ali, em primeiro plano, pude apreciar o quão difícil é ser Maradona, o homem que, com a maior praia do mundo a poucos metros, não tinha o direito de molhar os pés no mar. Mas também pude ver, na sua relação com os trabalhadores da televisão, a forma cordial que tem de sobrepor-se a essa exigência brutal que não lhe dá tréguas. O respeito, a cordialidade e a generosidade de Diego conquistaram o coração das dezenas de argentinos e venezuelanos que compunham a equipa. O homem, tantas vezes perseguido pela polémica e pelas confrontações, não mostrou ao longo de um mês, com longas horas de convivência, um único gesto de impaciência ou de repreensão. Sabia, como quando entrava em campo, que aquela era a sua equipa. Na última noite, todos esses profissionais, suficientemente experimentados atrás das câmaras e dos cabos para saberem quem é quem entre os divos, presentearam Diego com a oferta de uma amizade e gratidão que se converteu na imagem inesquecível daquelas semanas.

Benzendo-se antes de sair do ar, mostrando humildade perante cada sugestão dos operadores de câmara ou dos realizadores do programa, ou fazendo, durante os churrascos, uns remates a guarda-redes que, perplexos, viam a bola entrar precisamente onde ele dizia que ia entrar, a figura de Diego não parou de crescer no que diz respeito ao carinho daqueles que o rodeavam, extasiados com aquela experiência.

Porque ali, com toda aquela convivência, ele já não era apenas aquele que caminhara em fila ao lado dos jogadores

ingleses dizendo que este jogo, como nenhum outro, «este não o podemos perder, está claro, rapazes? Aqui teremos de deixar a nossa vida, por aqueles que a deixaram lá, vocês sabem onde; somos onze contra onze e vamos passar-lhes por cima, entendem?». E caminha, com um galhardete na mão e um país por trás de si.

INTRODUÇÃO

NÃO ESTAVA ASSIM TÃO LOUCO, POIS NÃO?

Fala-vos Diego Armando Maradona, o tipo que marcou dois golos à Inglaterra e um dos poucos argentinos que sabe quanto pesa a Taça de campeão do mundo...

Não sei porquê mas, como aconteceu outras vezes, com outras frases — como «a bola não se mancha», que disse no dia da minha partida de despedida na Bombonera —, ocorreu-me esta para saudar a minha família no último Natal, o de 2015, o primeiro que passávamos todos juntos na casa de sempre, em Villa Devoto, ainda que sem os meus queridos pais, o *don* Diego e a *doña* Tota. Muitos acreditam, porém, que essas frases me são escritas por alguém. E não, a verdade é que não: saem-me do coração e vêm-me à cabeça. Naquela noite, olhei para o céu e agradeci-lhes tudo o que me tinham dado na vida, que foi muito, muito mais do que o que eu lhes dei. Eles deram-me tudo o que tinham, tudo. E apoiaram-me sempre, nos bons e nos maus momentos. E olhem que tive muitos momentos maus...

Nessa noite, alguém, não me lembro quem, ofereceu-me uma réplica da Taça de campeão do mundo. E aí, quando

voltei a ter nas mãos aquele troféu dourado, quando voltei a embalá-lo como se fosse um bebé, dei conta de que tinham passado quase 30 anos desde o dia em que tinha erguido a Taça verdadeira, no México. E dei conta, também, de que essa alegria deve ter sido um dos melhores presentes que alguma vez ofereci aos meus pais. Talvez mesmo o melhor. A eles e a todos os argentinos. Aos que torceram por nós... e também aos que não torceram por nós. Porque no fim toda a gente saiu para festejar.

E dei conta, ainda, que à medida que o tempo passa essa Taça pesa cada vez mais. Três décadas depois, aqueles seis quilos e pouco de ouro parecem toneladas. E eu não fico feliz por nenhum outro jogador argentino ter conseguido voltar a erguê-la desde 1986, que isso fique bem claro. Seria um traidor se ficasse feliz por isso. Como seria um traidor se não contasse agora tudo o que vivemos naqueles dias, tal e qual como me vem à cabeça e como o sinto. Porque é assim que eu falo, é assim que o Maradona fala. Como direi várias vezes ao longo deste relato, tiraram-me muita coisa ao longo deste tempo, mas não a minha memória.

E, sim, aceito que existam coisas que vejo agora de forma diferente, passados 30 anos. Creio que tenho esse direito. Mudei bastante, é um facto, e muitos falam das minhas contradições. Mas há algo em que não mudei e em que nunca me contradisse: sempre que me decidi dedicar-me a uma causa, fi-lo de corpo inteiro e dei sempre tudo. Por isso digo, hoje, que teria gostado que, tantos anos mais tarde, Bilardo tivesse feito por mim o mesmo que, a dado momento, fiz por ele. Só isso. Que me tivesse dado a mim o que dei por ele. Porque ele sabe melhor do que ninguém como lutei no meio da guerra do menottismo contra o bilardismo e do bilardismo contra o menottismo. Lutei por uma causa que tinha de ser de todos. Vesti a camisola independentemente

dos meus gostos pessoais, porque a mim o *Flaco* tocava-me no coração, embora não o dissesse publicamente.

O resto faz parte da História. E cada um recorda-a como a sente e como lhe sai. Por isso digo que esta é a minha verdade, a minha. Que cada um tenha a sua.

A única coisa que posso gritar, para que todos ouçam, e a única coisa que posso escrever, para que todos leiam, é que não me esqueço de que, quando dizia que íamos ser campeões, todos me tratavam como um louco. Bom, não estava assim tão louco, pois não? Afinal, acabámos mesmo por ser campeões. Como fizemos para sair de lá campeões é o que vou contar aqui.

Muitos me perguntam por aquela minha famosa frase, quando era um *Cebollita*² mas, com outro grupo de rapazes às ordens de Francis Cornejo, já começávamos a despertar atenções. Apareci na televisão, de branco e negro, mais negro do que branco, a dizer: «O meu primeiro sonho é jogar num Mundial, e o segundo é ser campeão...» A frase continuava, mas alguém a cortou ali e todos pensaram que eu estava a falar de ser campeão do mundo. Na verdade, estava a falar de ser campeão da nossa série, com os meus companheiros, os meus amigos! Há pouco tempo apareceu o vídeo completo: para mim, aquela minha equipa da altura era como a Seleção... Como iria falar em ser campeão do mundo sem ter sequer um televisor?! Devo ter dito aquelas palavras pouco antes do Mundial '74, mas nem tinha ideia disso... As coisas são assim, muitas vezes.

Como poderia imaginar, por exemplo, que iria estar a contar desde um lugar como o Dubai tudo o que fizemos no México há 30 anos? Desde o Dubai! De Villa Fiorito ao

² Nome pelo qual são conhecidos os jogadores das equipas jovens do futebol argentino [N. do T.]

Dubai, assim passou a minha vida. E tão agradecido estou a todas estas pessoas que me abriram as portas quando mas fechavam até no meu próprio país. Deram-me trabalho, deram-me amor e deram-me dinheiro, também. Mas, acima de tudo, eu adaptei-me a elas e elas adaptaram-se a mim. Ofereceram-me tranquilidade quando mais dela precisava, porque vinha muito marcado por tudo o que se tinha passado em 2010, depois do Mundial da África do Sul.

Gosto de me sentar aqui e recordar. Sento-me em frente a um dos vários televisores que tenho em minha casa, aqui em Palm Jumeirah, e nos mesmos ecrãs em que costumo ver os jogos de todos os cantos do mundo — porque vejo tudo, desde Itália à Inglaterra — volto a ver agora aqueles do México '86...

Pode parecer mentira, mas nunca os tinha voltado a ver.

Bom, os golos à Inglaterra sim, mil vezes, porque mil vezes os passaram e mil vezes mos mostraram. Mas os outros jogos não. É a primeira vez que os vejo de novo. E, enquanto os revejo, minuto a minuto, volto a sentir a dor das entradas dos coreanos, a disfrutar do duelo contra os italianos, a aborrecer-me com os búlgaros, a sentir que fiz magia contra os uruguaiois, a perceber que voei contra os belgas e a desfrutar dos festejos contra os alemães. Volto a ver tudo isso e à cabeça só me vêm memórias e mais memórias.

Que são minhas, sim... Cada um recordará tudo aquilo como quiser. Eu recordo-o assim. Recordo que me preparei para voar. E voei. Cumpri o que tinha prometido. E joguei limpo. Ainda que outros quisesses fazer jogo sujo comigo. A mim, a droga tornou-me pior jogador, não melhor. Têm noção do jogador que teria sido se não tivesse seguido os caminhos da droga? Teria sido durante muitos, muitos anos, aquele que fui no México. Foi o meu momento de maior felicidade em cima de um relvado.

Ali, no México, coloquei a minha vontade de me sagrar campeão do mundo acima de qualquer outra coisa. Deixei de lado o Nápoles, deixei de lado os meus gostos futebolísticos, fiz ver à minha família que aquela era a minha oportunidade. Falei vezes sem conta com os meus colegas para que todos eles sentissem o mesmo... E é essa a mensagem que deixo a Messi e aos Messis que, oxalá, virão depois dele.

Quando vinham ter comigo e me perguntavam porque estávamos ali, depois de termos iniciado a concentração e de termos começado a treinar-nos como eu queria, respondia: «Para sermos campeões do mundo». E quando me perguntavam porque estava eu ali, dizia: «Para ser o melhor do mundo». Não era para agradar, não. Era pura confiança. E queria transmitir essa confiança a todos os outros. Não acreditavam em nós? Não acreditavam em mim? Não havia problema, porque nós acreditávamos, eu acreditava. O louco do Maradona acreditava.

Quando faziam a mesma pergunta a Platini, ele respondia: «Não sei, há que ter em conta a questão da altitude.» Quando faziam a mesma pergunta a Zico, ele respondia: «Não sei, eu não estou muito bem do joelho e a equipa ainda tem de se entrosar.» Quando o perguntavam a Rummenigge, o mesmo. E eram esses os nossos rivais, os meus rivais.

De mim podem dizer qualquer coisa. Mas, quando me proponho a algo, consigo-o. E, com a bola nos pés, sentia sempre que ia conseguir aquilo a que me propunha. Valdano dizia-me que quando eu tocava na bola parecia que estava a fazer amor com ela. E, de facto, era mais ou menos isso...

Se tive medo? Claro que tive medo! Quando sentes que há muita gente atrás de ti à espera que cumpras o seu sonho, tens medo. Como seria possível não o ter?

Nesses momentos em que o senti, que durante o Mundial não foram mais do que um par de vezes, antes da final, por

exemplo, pensei em Tota, a minha mãe. E dizia-o, não o pensava: «Estou cagado de medo, Tota, vem ajudar-me, por favor... » Ela não podia vir nesse momento, porque estava em Buenos Aires. Porque eu tinha querido que ela lá ficasse, que lá ficassem todos, menos o meu pai, porque a única coisa que me importava era estar focado em jogar. Em jogar e em ganhar. Era isso que me fazia feliz.

Eu era um miúdo. E continuo a sê-lo. Lembro-me bem, e podem ir ver aos arquivos, que aquele Mundial dediquei-o a todas as crianças do mundo. Foi a primeira coisa que disse na conferência de imprensa no Azteca, quando me perguntaram a quem o dedicava. A todas as crianças do mundo, respondi, e mandei-lhes um beijo.

Antes disso, antes do festejo com todos os outros, fui abraçar Carmando, Salvatore Carmando, o massagista napolitano que levei comigo. Deu-me um beijo na testa e disse-me:

— Diego, és campeão do mundo, és campeão do mundo... Tens noção do que isso significa?

— Não. Só sei que sou o homem mais feliz do mundo — respondi-lhe.

Muitos, muitos anos depois, 30, percebo de que ser feliz é fazer os outros felizes. E creio que os argentinos foram felizes com aquilo que nós fizemos no México. Posso ter feito muitos disparates — e paguei por tê-los feito —, mas ninguém, nunca, se irá esquecer de que marquei dois golos aos ingleses, ainda com a ferida da guerra das Malvinas bem aberta, e que levantei a Taça de campeão do mundo, a qual mais nenhum argentino conseguiu voltar a erguer até hoje.

Ninguém, nunca, se vai esquecer disso. E eu muito menos.

Mas, por via das dúvidas, volto a contá-lo. À minha maneira, que seguramente é diferente da dos outros. Por isso vos digo, vos escrevo, e vos repito: fala-vos Diego Armando

Maradona, o tipo que marcou dois golos à Inglaterra e um dos poucos argentinos que sabe quanto pesa a Taça de campeão do mundo...

CAPÍTULO I
A SELEÇÃO
QUE NINGUÉM QUERIA

Quando faltava pouco tempo para o início do Mundial, mais ou menos em abril de 1986, havia no país problemas mais importantes do que a Seleção. Mas, bem, nós somos assim e éramos assim. A política sempre se misturou com o futebol, sempre o usou e, lamentavelmente, sempre o continuará a fazer. O presidente Raúl Alfonsín tinha declarado que não gostava da forma como a Seleção jogava e, a partir daí, o rumor começou a tornar-se cada vez mais forte. Dizia-se que o governo queria despedir Bilardo e pôr outro treinador no seu lugar. A verdade é que a mim, um dia, ligou-me Rodolfo O'Reilly, juntamente com Osvaldo Otero, e disse-me: «Vamos derrubar o Bilardo...»

Eram 11 da noite em Itália. O telefone tocou, algo que era raro, e passaram-mo. Então, respondi:

— Desculpe, como é que conseguiu o meu número de telefone?

— Bom, nós no governo temos os números de toda a gente, sabe?

— Ah sim? Então esqueça-o, porque eu nunca vi a sua cara e está a ligar-me às 11 da noite. Sabe que são 11 da noite aqui? E vou-lhe dizer algo muito mais importante...

— Desculpe, Diego, o quê?

— Que se querem dispensar Bilardo, têm de ter em conta que me estão a dispensar a mim também. Ou seja, quero deixar claro que não estarão a derrubar apenas um. Estarão a derrubar dois. Se ele sair, eu também me vou.

E desliguei.

Faço questão de contar isto agora para que fique bem claro: eu não traí Bilardo quando me ligaram do governo para o despedirem e, em troca, ele traiçou-me a mim, muitos anos depois. Quase 30 anos depois.

Naquela altura eu fazia parte dos *menottistas*, mas decidi erguer a bandeira daquela causa pelo grupo, porque estava convencido de que aquele grupo ia ganhar algo. Uma causa que já vinha aos tropeções. Queria parar tudo aquilo e parei: tinha prometido a mim mesmo que ia levar longe aquela equipa. E levei! Alfonsín? Com toda a desordem que havia, Alfonsín estava preocupado com Bilardo?! Por favor.

Eu bati-me por essa causa, pelos rapazes e, também, por Bilardo. Não era má pessoa. Digo-o agora, sem problemas, apesar de para mim ele ter morrido quando se manteve na AFA³ depois do Mundial da África do Sul, em 2010. E nada o ressuscitará para mim. Disseram-me que queria falar comigo, mas não lhe vou dar nenhuma oportunidade. Nunca. Daquela vez disse que não era treta, que não era história. E agora ainda menos. Nada disto é treta. É a verdade, é a minha verdade.

Claro que nada disso fará com que me esqueça de quando me foi buscar a Barcelona para me contar o seu projeto. Mas uma coisa não invalida a outra. E chegou o momento de contar tudo como se passou realmente, de falar mais da equipa e não tanto da exigência de Bilardo.

³ Federação Argentina de Futebol [N. do T.]

Carlos não nos deixava treinar! Quando falam das táticas de Bilardo, eu digo: Por favor! Um dia antes do jogo contra a Coreia não sabíamos como íamos jogar; não sabíamos se Burruchaga iria jogar pela esquerda ou pela direita, ou se o *Checho* ia cobrir pelo meio ou encostado à linha...

Mas também é verdade, sim, que Bilardo me foi buscar quando ninguém pensava em mim. Ninguém.

QUERIA A VINGANÇA

Estavam todos mais preocupados com Passarella do que com Maradona e ele apareceu-me em Lloret de Mar, fora de época. Estávamos em março de 1983 e ainda estava fresco. Eu, contudo, não sentia frio nem calor; a única coisa que me interessava era treinar para voltar a jogar. Há quase três meses que estava de fora, por causa da maldita hepatite que me tinha apanhado em dezembro de 1982. Estava a fazer trabalho específico de recuperação com um preparador físico do Barça, Joan Malgosa, e comigo estava Próstamo, que tinha sido meu colega no Argentinos. Faltava pouco para voltar a poder tocar numa bola, ao fim de tanto tempo, e estava ansioso. Além disso, estava também ansioso porque se dizia que o nosso treinador, o alemão Udo Lattek, que nos levava à loucura com os seus exercícios físicos, esquecendo o trabalho com bola, estava de saída e que para o seu lugar viria *Flaco* Menotti. Para mim, era uma bênção. Finalmente iria sentir-me cómodo no Barça. Tudo era motivação para mim.

Bilardo apareceu de repente, com Jorge Cyterszpiller, que era o meu representante na altura. Chegou de noite, vindo diretamente de Barajas, e conversámos um pouco antes de irmos dormir. Na manhã seguinte, o louco pediu-me uns calções e foi correr comigo. Eram seis quilómetros, os últimos que

me faltavam. Corremos, caminhámos, corremos. E falámos, falámos muito. Lembro-me bem do diálogo que tivemos.

— Quero saber como estás...

— Bem, bem. Há três meses que não jogo, mas amanhã vou voltar a tocar numa bola e a partir daí ninguém me para.

— Está bem, eu queria falar contigo da possibilidade de fazeres parte deste ciclo da Seleção.

— Olha, Carlos: o meu contrato diz que para além das eliminatórias posso jogar qualquer partida, desde que o Barcelona não tenha nenhum compromisso importante. Mas o meu único compromisso importante é vestir a camisola da Seleção.

Depois falou do tema da guita. Bilardo acabava sempre por falar de dinheiro. Perguntou-me se iria ter alguma exigência, se ia pedir algo...

— Não! Esquece isso... Porque me iria preocupar com dinheiro?! Se vou, é pela Seleção e para defender as cores da Argentina. O dinheiro não me interessa para nada, para nada...

Eu tinha ficado de fora do Mundial em 1978. E tinha estado no Mundial de 1982, onde falhámos em várias coisas, a começar por mim: cheguei lá esgotado fisicamente. Mas não fizemos tudo mal. Típico argentino: em 1978, porque ganhámos, éramos bestiais como Gardel⁴. E, em 1982, porque perdemos, todos para Devoto⁵. Não! Não foi assim.

Mas o certo é que estava ferido. E convicto de que queria vingança; com toda a minha alma, queria vingança.

Na minha primeira entrevista depois de voltar, disse que no Mundial '82 não tinha fracassado, que tinha feito o que tinha podido. Mas era claro para mim que tinha sido

⁴ Carlos Gardel, o mais famoso cantor de tango da História [N. do T.]

⁵ Local onde se situa a mais célebre prisão de Buenos Aires [N. do T.]

eu quem mais tinha perdido dessa vez: muita expectativa, muita publicidade, muitos idiotas à espera de me verem cair. E recordo-me muito bem de ter dito: «Lembrem-se, no nosso país há coisas muito mais importantes que Maradona. Quero apagar este Mundial da minha cabeça e começar a pensar no de 1986». Disse-o em 1982. E, um ano depois, estava a pôr-me em condições para demonstrar que estava pronto para isso.

Bilardo começou a explicar-me as ideias que tinha na cabeça, como queria que eu jogasse e essas coisas. Disse-me para não me assustar com a história da hepatite, que tinha tido dois casos semelhantes no Estudiantes, com Letanú e com Trobbiani, e que de início custava a voltar, mas depois corria tudo sem problemas. E a verdade é que em campo deu-me todas as facilidades: queria-me a jogar livre, que eu jogasse onde quisesse, que os outros se iriam movimentar em função de mim. Queria-me do meio-campo ofensivo para a frente, sem obrigações de marcação, como faziam Rummenigge ou Hansi Müller na Alemanha. A Alemanha da altura encantava-o. Lembro-me que depois foi falar com Stielike, que era o líbero do Real Madrid. Esteve também com o velho Di Stéfano. Um dos grandes, o Alfredo. Sempre gostei muito dele. Era um fervoroso, como eu, e estava à frente do seu tempo. Nesse encontro disse a Bilardo que o que faltava ao futebol argentino era mobilidade e dinâmica, e que todos marcassem, para além de jogarem. E, na verdade, tinha razão.

De seguida, Bilardo disse-me uma frase que jamais esquecerei, aconteça o que acontecer: «Para além disso, vais ser o capitão», garantiu-me.

Explodiu-me o coração. Explodiu-me o coração! Se não morri de enfarte ali mesmo, naquele momento, não morro mais. Até hoje, quando me dizem que fui, que sou — que

sou! — capitão da Seleção, ainda sinto o mesmo. É como ter Benja⁶ nos meus braços, a emoção é a mesma. Tomas o comando, tens algo a teu cargo. Não há nada mais maravilhoso do que ser o capitão de uma equipa. E da Seleção, então, ainda mais: aí és chefe, chefe a sério.

Já tinha sido capitão do Argentinos, das seleções jovens, do Boca, mas o que mais queria era ser capitão da Seleção. Em cada viagem, em cada saída, comprava uma braçadeira de capitão... Juntei umas duzentas. Tinha apenas 24 anos, não mais do que isso, mas sentia-me capacitado. Se Passarella tinha sido o capitão até ali, e nem tinha feito um mau trabalho, agora era a minha vez.

Quando somos capitães, temos de conhecer todos muito bem. Eu fazia questão de trazer vídeos para ver como jogava este e como jogava aquele, e fazia muitas perguntas pelo telefone aos meus irmãos e sobrinhos. Eles ajudavam-me bastante e iam-me descrevendo, «esse está a jogar bem», «aquele devia soltar mais a bola... ». Claro que agora dá vontade de rir, mas naqueles tempos era raro ver-se um jogo na televisão; tinha de se conseguir arranjar informação da forma que fosse possível. E eu procurava-a em todo o lado. Sendo capitão, ainda mais.

ASSIM TINHA DE SER A SELEÇÃO DE MARADONA

A primeira coisa a que me propus, uma vez cumprido o meu sonho de ser capitão, foi enraizar a ideia de que jogar com a camisola da Seleção teria de ser o mais importante do mundo, mais do que qualquer dinheiro que se ganhasse com a camisola de um clube europeu.

⁶ Benjamín, neto de Maradona [N. do T.]

Era assim que queria que fosse a Seleção de Maradona, era esse o estilo que queria implantar.

Também me tocou bastante ouvir Bilardo dizer-me que eu ia ser o único com estatuto de titular. Por isso fiz o mesmo com Mascherano, muitos anos depois. Também o devia ter feito com Messi, mas nunca lho disse, e essa é uma das contas pendentes que tenho. Atenção, aceitei esse repto de ser «o Maradona e mais dez», como depois disse que seria «o Mascherano e mais dez», mas nunca pensei que pudesse ganhar sozinho, porque isso não é possível. Reconheço, claro, o esforço de todos os meus companheiros... De todos menos de Passarella.

Mas para isso ainda faltava muito tempo. Estávamos em março de 1983 e esta história mal tinha começado. Para mim, iam passar quase dois anos até voltar a vestir a camisola da Seleção. Parece incrível, mas foi assim. Pelo meio, vivi de tudo. Como sempre acontece comigo, um ano valeu por três ou quatro.

Uma semana depois daquele encontro com Bilardo, voltei a jogar: estava parado há três meses devido à hepatite. Empatámos 1-1 com o Bétis, mas o mais importante foi que no banco estava já sentado *Flaco* Menotti. Foi a sua estreia. E, com o *Flaco*, a história foi bem diferente para todos. Os jogadores depressa se apaixonaram por ele e pela sua forma de trabalhar. Claro! Tinham passado do alemão para Menotti e este conquistava toda a gente com as suas palavras. Reparem que até Guardiola o elegeu como modelo, quando decidiu ser treinador. Hoje, quando qualquer um dos jogadores que compunham esse grupo se encontra com outro, a primeira coisa que faz é perguntar pelo *Flaco*.

Desfrutei muito daquele Barcelona e recordo alguns jogos verdadeiramente incríveis, como um contra o Real Madrid, no Bernabéu. Ganhámos 2-0 e eu marquei um goloço, um golo

que ainda nos dias de hoje continuam a mostrar, porque arranquei da nossa metade do campo, num contra-ataque fulminante; o guarda-redes, Agustín, saiu aos meus pés, passei por ele e fiquei com a baliza aberta à minha frente. Vi que atrás de mim vinha Juan José, que era um defesa pequenito, de barba, ruivo e impetuoso. Não entrei logo com a bola para dentro da baliza, simulei, esperei por ele e, quando ele chegou, puxei a bola para dentro, quase sobre a linha. O tipo passou por mim a deslizar e esbarrou com as pernas abertas contra o poste. Auuuu, pensei. Até a mim me doeu! E toquei a bola para o fundo das redes... O Bernabéu levantou-se para me aplaudir.

Com *Flaco* Menotti ao leme, terminámos no quarto lugar da Liga. Ainda fui a tempo de jogar os últimos sete encontros e até ganhámos da Taça do Rei, contra o Real Madrid do grande *don* Alfredo Di Stéfano. E já nada nos tirava da cabeça a Liga da época seguinte.

Acreditava que depois da hepatite não me podia acontecer nada pior. Mas aconteceu... Começámos com uma derrota, mas isso nem foi o mais grave. O mais grave aconteceu à quarta jornada, quando o Athletic de Bilbao foi jogar a Camp Nou. Era um clássico defrontar os bascos, que jogavam sempre com tudo.

A história parece uma novela, sim, mas foi bem real. Passou-se comigo e, apesar de já terem passado tantos anos, ainda hoje me dói...

E volto a contá-la porque há uma personagem que foi fundamental naquele momento e que voltou a ser fundamental muito mais perto do Mundial, quando já quase não havia tempo. Refiro-me ao doutor Rubén Darío Oliva. *El Tordo*. Ou *El Loco*, com todo o respeito. Ele sabe que o chamo assim. E foi a ele que tive de recorrer naquele momento. Sim, quando Vasco Goikoetxea me partiu a perna.

Foi a 24 de setembro de 1983. Lembro-me da data como se fosse a de algum golo importante. Como me vou esquecer, se foi a pior lesão da minha carreira?!

O que se batia no futebol espanhol naquela altura! Não sofrer uma fratura por jogo era um milagre. Conto sempre esta história, a do miúdo que tinha sido atropelado por um carro e que fui visitar ao hospital porque ele me queria conhecer. Quando me ia embora, apressado, porque era o mesmo dia do jogo com o Bilbao, o miúdo gritou-me desde a sua cama para que eu tivesse cuidado, porque iam fazer tudo para me travar... Digo-vos que senti um arrepio na espinha, porque essas coisas mexem comigo. Mas estava tão habituado a que me dessem pancada para me travar que não tinha forma de pensar que dessa feita iria ser diferente.

O jogo decorria de forma tranquila para nós. Estávamos a ganhar 3 a 0 e Schuster já se tinha pegado com Goikoetxea. Tinham uma história entre eles, porque antes o basco já o tinha lesionado a ele. Mas o estádio vinha abaixo em apoio ao alemão e o outro estava doido por apanhá-lo a jeito. Queria matá-lo. Como eu estava perto dele, porque era ele que me estava a marcar, disse-lhe:

— Tranquilo, *Goiko*, acalma-te. Vais apanhar um amarelo e não vale a pena, que já estão a perder 3 a 0...

Não, não o estava a picar. Juro que não. Costumava falar assim com os meus adversários, sobretudo com os que me faziam marcação direta. E estava, claro, sempre atento ao que faziam comigo. Mas, naquela noite, não o vi vir. Se tivesse visto, teria saltado.

A jogada passou milhares de vezes na televisão e agora é possível encontrá-la em qualquer arquivo. Fui buscar a bola ainda no nosso meio-campo. Controlei-a com um toque para a minha esquerda, aquilo a que agora chamam receção

orientada, para rodar e arrancar, que era o que eu fazia melhor. Com o meu pique curto dava cabo dos defesas.

Mas, mal apoiei o pé esquerdo para rodar e sair, senti a pancada. Digo-vos: o som foi o mesmo que se ouve quando se parte madeira. Senti de imediato. E ainda o sinto, tal e qual. O primeiro a correr até mim, lembro-me, foi Migueli...

— Como estás, como estás? — gritou-me.

— Partiu-me todo, partiu-me todo... — respondi-lhe a chorar.

Levaram-me directamente para o hospital desde Camp Nou, numa carrinha que hoje daria vergonha. Nem uma ambulância era. E quando me levaram para o quarto do hospital a única coisa que queria saber era quando poderia voltar a jogar. Se ia voltar a jogar... *Flaco* Menotti não tardou a chegar. Aproximou-se de mim e, com aquela voz de tabaco que ele tem, disse-me: «Vais recuperar rápido, Diego. E oxalá o teu sofrimento sirva para algo, para que se acabe com esta violência.» É que se estava a jogar de forma muito violenta, muito violenta mesmo.

E quando veio González Adrio, que era o médico que me ia operar, disse-lhe: «Quero voltar a jogar rapidamente, doutor. Faça o que tiver de fazer, mas quero voltar depressa.»

Claro, para isso ia necessitar das mãos do mago. O *Tordo*. Do *Loco*. Sim, de Oliva. Foi a Buenos Aires comigo. Liguei-lhe, porque ele vivia em Milão, apressou-se a ir ter comigo. Já o tinha feito tantas vezes antes. Por qualquer palermice, uma contractura ou uma dorzita. Imaginem, então, por uma coisa destas. E mais: se nessa noite ele tivesse chegado a tempo, não me teriam operado. Estou certo disso. Ele tinha umas mãos capazes de curar uma fratura sem cirurgia.

Volto a contar isto agora, insisto, porque ele foi fundamental para o Mundial que eu realizei. Daquela vez, deixou um desafio a González Adrio.

— Se dentro de quinze dias lhe fizermos uma radiografia e já se notarem as primeiras sombras da cicatrização do osso, continuarei eu o processo de recuperação, ao meu estilo. Se não, deixo-o prosseguir aos seus cuidados — disse-lhe.

— Certamente — respondeu o espanhol, que dava por certo que eu ia passar seis meses sem poder pôr o pé no chão.

Ainda antes dos quinze dias eu coloquei o meu tornozelo nas mãos daquele sábio. Tirou-me o gesso, fez-me a radiografia e disse-me:

— Põe o pé no chão.

Cada vez que o volto a contar, volto a sentir medo.

— O quê? Está louco?

Mas fiz o que ele disse. E não me doeu.

Uma semana depois fomos mostrar os progressos a González Adrio. Ele quase caiu para o lado quando me viu chegar de muletas, mas sem gesso. «Observe-me, doutor, por favor», disse-lhe. Dei-lhe as muletas e desci umas escadas.

Sem margem para dúvidas, Oliva ganhou a aposta e eu voltei a Buenos Aires para prosseguir a minha recuperação. Ao fim de 106 dias estava a jogar de novo, contra o Sevilla. Ganhámos 3-1 e marquei dois golos. *Flaco* Menotti substituiu-me antes do fim do encontro e recebi uma das maiores ovações de que me recordo em toda a minha carreira. Dediquei-a a Oliva, porque foi graças a ele que o meu tornozelo continuou a ser um tornozelo. Sabem que ele me chegou a explicar que eu dominava melhor a bola porque o meu tornozelo tinha uma rotação mais ampla do que o normal?

Bom, graças ao seu trabalho, não o perdi. Graças a ele, o meu tornozelo estava intacto. E também não iria perder outra coisa, mas isso seria mais à frente, mais perto do Mundial. Antes eu iria ainda mudar de ares...

NO NÁPOLES COMEÇOU OUTRA VIDA

Entretanto, um ano inteiro passou desde aquele primeiro encontro com Bilardo e eu continuava sem vestir a camisola da Seleção. E um ano mais iria passar. Todo o ano de 1984. Bolas, penso nisso agora e até me parece mentira.

Como aguentei? Creio que nem eu tenho resposta para isso. Bilardo dizia que não nos chamava porque os clubes estrangeiros não nos cediam para os jogos amigáveis. Essa sim foi uma boa alteração, veem? Essa sim. Porque, com o dinheiro que há em jogo hoje em dia, se isso não tivesse mudado, se não se tivesse começado a colocar exigências aos clubes para cederem os seus jogadores, já não existiriam seleções nacionais; existiriam seleções das Ligas, e as mais poderosas, as que têm mais dinheiro, teriam os melhores jogadores. Algo do género passou durante algum tempo pela cabeça de Silvio Berlusconi, quando era ele o manda-chuva do Milan e todas as estrelas iam para o *calcio*⁷. Nisso, nunca me teriam apanhado; jamais na vida eu poria outra camisola que não a celeste e branca.

Por essa altura mudei de camisola, sim, mas a nível de clubes. Não aguentava mais a do Barcelona. A minha relação com Josep Lluís Núñez, o presidente, era péssima. E coloquei ponto final na minha ligação ao Barça à pancada. Literalmente. Também com os jogadores do Athletic de Bilbao, noutra final da Taça do Rei.

Rumei, então, ao Nápoles, e no Nápoles começou outra vida. Aterrei em San Paolo em julho de 1984, numa altura em que a Seleção estava a passar por um mau momento. A verdade é que eu também estava pior. Economicamente, a minha situação era um desastre. Já o contei várias vezes,

⁷ Futebol italiano [N. do T.]

mas nessa altura tive de começar tudo de novo e o Nápoles apareceu como uma grande oportunidade. Estava arruinado, sim, e não era do tornozelo. Vi-me sem dinheiro e arranquei quase do zero de novo...

Digo que era um dos piores momentos da Seleção, também, porque esta estava a jogar uma série de partidas amigáveis, daquelas para as quais o Bilardo não nos chamava a nós, que jogávamos no estrangeiro, porque os nossos clubes não nos cediam, e as coisas não estavam a correr nada bem. Empate com o Brasil, derrota e empate com o Uruguai, derrota com a Colômbia... E começaram as críticas, bem duras. Massacraram a equipa. Penso que, primeiro que tudo, a criticaram por ser mais uma equipa de Osvaldo Zubeldía do que de Bilardo. Havia muitos preconceitos e muitas discussões por causa do selecionador, do lugar de onde ele vinha e por tudo o que se tinha passado — ou que diziam que se tinha passado — com o Estudiantes de La Plata. Era uma guerra de estilos, onde todos se atacavam. *Menottistas* contra *bilardistas*, *bilardistas* contra *menottistas* e tudo o que vinha com isso. E nós, jogadores, estávamos no meio.

Mas depois, em setembro, quando estava a começar a época com o Nápoles e a perceber que as coisas não iam ser fáceis, que ia ter de lutar muito, a Seleção melhorou com uma grande digressão à Europa: ganhou à Suíça, à Bélgica e à Alemanha... Aí, nesse triunfo por 3-1, creio que em Düsseldorf, com dois golos de Ponce, um do *Burru* — para além de um remate do meio-campo do *Bocha* que acabou devolvido pela trave — foi quando Bilardo voltou a dizer publicamente que eu era o único titular da equipa. E Beckenbauer, Franz Beckenbauer, sim, que estava sentado ao lado, meteu-se na conversa e acrescentou: «Se não o puseres, dá-mo a mim».

Nessa altura eu estava tão preocupado com a ideia de por o Nápoles na luta com os grandes como em recuperar-me

economicamente. E, ao mesmo tempo, ia ansiando pelo momento de voltar a jogar pela Seleção. Imaginar que seria nos encontros das eliminatórias, para os quais faltava ainda tanto tempo, parecia-me uma loucura, mas para ser de outra maneira teria de ir contra as regras.

Claro que, para mim, ir contra as regras, sobretudo quando elas são injustas, nunca me custou muito. Nem agora me custa.

O que procurava era dar respostas em campo, para que se percebesse de uma vez por todas que eu dava o peito a tudo com a camisola do Nápoles. Mas que também queria fazê-lo com a camisola da minha Seleção. Era uma luta que me encantava: queria ganhar tudo com todas as camisolas.

Falava frequentemente com os rapazes: cada vez que jogavam mandava-lhes telegramas, saudações, fazia declarações; queria que soubessem que estava com eles, embora não entrasse em campo.

Que era o capitão.

Recordo-me de que, nesses dias, me revoltou ouvir *Toto* Lorenzo, que era uma pessoa muito querida e muito escutada em Itália. Fizeram-lhe uma pergunta sobre a braçadeira de capitão da seleção, porque a davam a mim e não a Passarella (sempre o Passarella), e *el Toto* respondeu que tinham de perceber o que significava ser capitão, que este tinha de ser o braço direito do treinador, que tinha de ser alguém capaz de receber todas as informações no balneário e alguém em quem todos os colegas confiassem e delegassem os seus problemas... Alguém que assumisse as responsabilidades nos momentos mais importantes. Lorenzo fez questão de recordar que Passarella era um líder, um chefe. Que uma vez, em pleno Wembley, tinha visto como Passarella havia feito Kevin Keegan sentir quem tinha pela frente... E terminou questionando se eu, se Maradona, estaria em condições de

assumir todas essas responsabilidades. Mas sim, porra, claro que estava! Era o que mais queria. Porém, tinha de poder entrar em campo para conseguir demonstrar cada um desses pontos.

Porque, entretanto, eu via a Seleção de longe. Via como Bilardo ia armando o seu grupo com os jogadores que estavam na Argentina. Pumpido, Ruggeri, Garré, Gareca, Camino, Brown, Dertycia, Trossero, Pasculli, Rinaldi, Burruchaga, Russo, Ponce, Giusti, Márcico, Islas, Clausen, Bochini... Esses foram os primeiros a fazerem uma espécie de pré-temporada, já a pensar nas eliminatórias. A esse grupo, a dada altura, teria de me juntar eu, de certeza, e *Pato* Fillol. Também Passarella, claro, porque a imprensa não deixava de fazer ruído por ele e de perguntar por ele a Bilardo a toda a hora. Os jornalistas não lhe perguntavam por mim; perguntavam por Passarella. Os outros jogadores vindos do estrangeiro iriam ser Valdano, Barbas, Calderón... Mais ninguém. Não era como agora, que a maioria vem de fora. Não tinha nada a ver. Três, quatro no máximo. Não mais que isso.

Eu seguia-os de longe, desde a minha nova casa, no bairro de Posillipo, na Via Scipione Capesce, n.º 3, cada vez mais ambientado à cidade e cada vez melhor no Nápoles. Em fevereiro de 1985 estávamos a meio da tabela, o que para o clube, na altura, era já quase como ser campeão. Éramos quem mais jogos tinha ganho desde o início do ano, no qual ainda não tínhamos perdido qualquer jogo. Recordo-me de que ganhámos 4-0 à Lázio e que eu marquei três nesse jogo. Já levava onze golos. Estava a dois, apenas, de um tal de Platini, Michel Platini, que já aí mexia comigo. Com dezasseis pontos ainda em jogo, podíamos chegar até ao quinto lugar e, assim, classificarmo-nos para a Taça UEFA.

Pareceu-me, então, que era o melhor momento para começar a fazer pressão. Já tinha mostrado o que lhes podia

dar; era altura de mo deixarem mostrar também na Seleção. Queria estar em três amigáveis de preparação, queria estar com os rapazes antes de começarem os jogos a valer. Bilardo continuava a dizer que eu era o único titular garantido, mas não me chamava. Então, resolvi ser eu a mexer-me.

E COMEÇOU A CONFUSÃO

No domingo, 21 de abril, depois de ganharmos 3-1 ao Inter no San Paolo, peguei no microfone durante a conferência de imprensa e, antes mesmo de alguém me perguntar algo, declarei: «Vou viajar para a Argentina, aconteça o que acontecer, no domingo, 5 de maio, depois do jogo com a Juve. Nem mesmo o presidente Pertini me poderá impedir de viajar, porque ele não pode parar os aviões que saem de Roma...»

E começou a confusão.

Na semana seguinte, a 28, jogámos precisamente contra a Roma, no Olímpico. Empatámos 1-1. E eu voltei à carga no final do encontro: «Quero que percebam que não é, de maneira nenhuma, minha intenção ir ao meu país a mal, mas estou desesperado por jogar pela Seleção e por estar à disposição de Bilardo a partir de 6 de maio. Peço apenas que entendam as minhas razões.»

Mas não, a verdade é que os italianos não entendiam. A começar por Matarrese, Antonio Matarrese, que era o presidente da Federação Italiana de Futebol. É certo que tínhamos de jogar contra a Udinese, que era candidato à descida, pelo que outros clubes envolvidos na luta pela permanência, casos do Avellino, do Como e do Ascoli, creio, se queixaram. Mas eu não estava a dizer que ia e não voltava! Estava disposto a jogar todas as partidas que fossem necessárias com as duas camisolas. A Corrado Ferlaino, presidente do

Nápoles, e a Rino Marchesi, o treinador, a ideia também não agradava. Mas já começavam a conhecer-me. Já começavam a perceber que quando eu metia uma coisa na cabeça já ninguém conseguia tirá-la de lá.

No domingo, 5 de maio, antes do jogo com a Juve, voltei a falar à imprensa. Parecia um presidente, dava conferências de imprensa todos os dias. Mas a verdade é que estava a explodir, porque a federação, na sexta-feira, tinha mandado um telex aos clubes — ao Nápoles por minha causa e à Fiorentina por causa de Passarella — comunicando-lhes que nos tinham proibido de viajar até ao final da Liga. E ameaçavam suspender-nos. Passarella pensou render-se. Eu, nem louco. Por isso falei antes do início do encontro: «Vou viajar de qualquer maneira, mesmo que nem a Federação nem o clube o queiram», disse. Não aguentava mais. E disse também mais um par de coisas: que não me parecia bem comunicarem essa decisão dois dias antes de eu viajar; que tinham deixado os alemães Briegel e Rummenigge viajarem; que não percebiam nada de futebol, porque não compreendiam que a Argentina tinha partidas para jogar na altura e que era necessário ganhar entrosamento... e que nós, futebolistas, tínhamos de responder também como uma associação, sob pena de aqueles tipos de gravata controlarem a nossa vida. E não era justo. Não era justo.

A *Gazzetta dello Sport* fez um alvoroço: «Maradona desafia a Liga», titulóu. E o *Corriere dello Sport* seguiu na mesma linha: «Maradona revolta-se e viaja». Viajei, claro. Como podia não viajar?

Para acabar com as dúvidas, depois do jogo, que terminou 0-0, voltei a falar: «Tinha dito que ia viajar e vou mesmo. Mas aviso-vos de que sexta-feira vou voltar cá para jogar domingo contra a Udinese. E depois sigo novamente para a Argentina, antes de voltar aqui para o jogo contra a

Fiorentina... Nem Matarrese nem ninguém me pode dizer nada; o meu clube autorizou-me. Vou passar quinze dias a viajar, sim, mas não me resta outra alternativa. Não faltei nem vou faltar a nenhum jogo. Quem concordar, tudo bem. E quem não concordar, que se foda... »

Lá embarquei. Para muitos era uma loucura. Para mim era um prazer e um desafio. Para mim isso era ser capitão da seleção da Argentina.

Agora penso no que disse e mal consigo acreditar. Mas sei que voltaria a fazer exatamente o mesmo.

TINHA DE PÔR A EQUIPA AOS MEUS OMBROS

O voo da Aerolíneas, o mesmo de sempre, o que tantas vezes tomei, saía às dez da noite. O jogo com a Juve deve ter terminado às 7 e pico da tarde e eu tinha duzentos quilómetros pela frente, desde Nápoles até ao aeroporto de Fiumicino. Tinham-nos prometido uma escolta policial, para seguirmos mais rapidamente, mas não o cumpriram. Com todo o trânsito de domingo para enfrentar, sentei-me ao volante de um dos meus carros, não me lembro bem qual, e arrancámos. No Ferrari não era, estou certo, porque éramos muitos lá em cima — Cyterszpiler, Claudia, os meus irmãos Lalo e Lily, e Guillermo Blanco, o meu acessor de imprensa —, mas voámos baixinho. 1h30 depois estávamos lá.

No aeroporto já estava Passarella. Cheguei pouco depois das 9 da noite. Tive tempo, contudo, para voltar a falar: «Dizem que me vão suspender se não jogar as partidas que se seguem. O que esses ingénuos não compreendem é que as vou jogar, que vou jogar também nesses encontros... Vou mostrar uma vez mais aquilo que o Maradona é capaz de fazer pela Seleção e pelo Nápoles.»

Quando me sentei no avião, adormeci de imediato. Sonhei. E, na manhã seguinte, continuava a sonhar, mas acordado. Aterrei em Buenos Aires, reencontrei-me com o meu pai, *don* Diego, que desde que tinha terminado o Mundial de Espanha não voltara a ter a felicidade de me ver de novo com a camisola da Argentina, e seguimos para a casa de Villa Devoto, a mesma que ainda temos e na qual festejei o último Natal, como se 30 anos não tivessem passado.

Antes, voltei a falar, ali mesmo no aeroporto; queria que todos me ouvissem: «Eu não sou o salvador, sou Diego. Salvador é Bilardo... Carlos Salvador. Eu venho jogar para ser mais um a dar tudo o que tem pela equipa. O encontro com a Juve foi uma partida tremenda, mas estou pronto para jogar. Prometi vir e cumpri. Aqui estou.»

Às quatro da tarde estava no Centro de Empregados do Comércio, em Ezeiza. E fui de gravata. É que, para mim, voltar à Seleção era como ir a uma festa. Calças de ganga claras, camisa às riscas, gravata celeste, casaco de lã azul. Parecia um modelo. «Dá-me os dois pares», pedi ao meu irmão, Lalo, que me perguntava com que chuteiras queria treinar. Queria deixá-las bem gastas, essa era a verdade. Só quando cheguei fiquei a saber que a Seleção tinha perdido mais um amigável, contra o Brasil, no Rio, enquanto eu estava no avião.

Tudo isso eram, para mim, sinais de que tinha de entrar em campo, de que tinha de pôr a equipa aos meus ombros.

Treinei-me nessa segunda-feira, na terça e na quarta, então já com o resto dos jogadores. E na quinta-feira, dia 9, no Monumental, estava a jogar contra o Paraguai. Ao fim de dois anos e dez meses — quase três anos — voltava a vestir a camisola alviceleste. Depressa percebi que faltava muita coisa à equipa. Mas havíamos de lá chegar. Na baliza esteve o *Pato* Fillol e atrás jogámos com quatro: Clausen, Passarella, Brown e Ruggeri. No meio-campo, Barbitas, *Bocha* Ponce e *Burru*.

E, à frente, comigo, Dertycia e *Flaco* Gareca. Empatámos 1 a 1; marquei o nosso golo, de penalti, perto do final do primeiro tempo.

Voltei com os rapazes ao local onde a Seleção estava concentrada e, no dia seguinte, às 5 da tarde, subi para um avião da Varig que ainda fez escala no Rio de Janeiro antes de seguir para Roma. No sábado, dia 11, estava de novo em Fiumicino, mas em vez de me meter num carro para arrançar para Nápoles, subi para outro avião e fui para Trieste, para seguir para o tão falado jogo contra Udinese, uma das equipas que lutava pela permanência. A distância de Trieste a Udine é de 70 quilómetros, os quais fiz de carro. Cheguei à hora do jantar, comi e fui dormir. Dormi a sério. Acho que só despertei verdadeiramente um minuto antes de começar o jogo, nesse domingo, dia 12. Mas, se restava alguma dúvida na cabeça de algum italiano idiota, acabei com elas com estrondo: marquei dois golos, um deles de livre, espetacular. Empatámos 2-2. Que mais queriam que fizesse? Tomei banho e meti-me outra vez no carro, para voltar a fazer os 70 quilómetros de Udine a Trieste, subir para um avião, aterrar em Fiumicino e, daí, voar para Buenos Aires, onde aterrei na segunda-feira, dia 13. Acho que nem dei tempo aos tipos da alfândega para carimbarem o meu passaporte.

Desta vez não jogávamos quinta-feira, como tinha acontecido contra o Paraguai, mas logo na terça, dia 14, contra o Chile, novamente no Monumental. Nem sequer treinei, e nem falta me fazia treinar. Nesse jogo entrámos em campo com Nery na baliza em vez do *Pato*, mas com a mesma linha defensiva que tinha alinhado contra os paraguaios. Para o meio-campo entrou Russo e no ataque jogou Pedrito Pasculli no lugar de Dertycia. Uma coisa não mudou: voltei a fazer um golo. Já levava quatro em seis dias: um ao Paraguai, dois à Udinese e este contra o Chile. *Burru* apontou o outro

e ganhámos 2-0. Relembro os alinhamentos da equipa para que vejam como as coisas foram mudando depois, para o Mundial. Se não mente-se. Mente-se muito...

O facto é que a seguir podíamos muito bem ter ficado em Buenos Aires, porque o jogo que se seguia na Liga era contra a Fiorentina, contra Passarella, e o resultado não decidia nada, mas os italianos não quiseram saber disso e exigiram que voltássemos. No sábado, dia 18, aterrei de novo em Roma e, como desta vez jogávamos no San Paolo, do aeroporto fui direito para a cama, em minha casa. Dormi 16 horas seguidas! Levantei-me e fui para o campo, jogar... E joguei a sério, sim, talvez devido à minha rivalidade com o *Káiser*. Fui o melhor em campo, participei em duas jogadas que resultaram em golo mas que o árbitro anulou e fiz uma bonita tabela com Bertoni que terminou com um golo de Caffarelli. Foi o meu último jogo pelo Nápoles nessa época e penso que não se podiam queixar... Deixei-os no oitavo lugar, bem a salvo da descida e a dez pontos do Verona, que se sagrou campeão, com o dinamarquês Elkjaer-Larsen e o alemão Briegel. Marquei 14 golos e fiquei a apenas 4 de Platini. Não tardaria a apanhar o francês, não tardaria a apanhá-lo! Despediram-se de mim com flores, de tão contentes que estavam.

OS EUROPEUS NEM FAZEM IDEIA

Mas ainda me faltava mais uma viagem de avião, desta vez até Bogotá, via Frankfurt, para me juntar à Seleção, então já para as eliminatórias. Desde domingo, 5, até segunda-feira, 20 de maio, voei mais de 80 mil quilómetros. Bonita média, não?

Mas não me importava nada, o que eu queria era poder jogar pela Seleção. Claro que já naquela altura inventavam

coisas sobre mim: publicaram que para eu jogar esses dois encontros, contra o Paraguai e o Chile, me tinham pago 80 mil dólares... 80 mil dólares! Sim, foi esse o valor que disseram. Não estavam bons da cabeça, rapazes, eu recebia a mesma diária que todos os outros: 25 dólares por dia, uma fortuna. E disse-lhes que nem a Frank Sinatra pagavam esse dinheiro.

De qualquer forma, para Bogotá viajei em primeira classe, com Passarella. Ele tinha feito de propósito para ver um cartão num jogo da Liga e, assim, tinha-se safado de uma das viagens. Mas dessa vez viajámos os dois juntos. Aterrámos na Colômbia já de noite e fui jantar com o resto do grupo. Não aguentava mais! Não aguentava mais, mas era ali que queria estar.

No dia seguinte tivemos o primeiro treino no El Campín e também fiz questão de participar. Começávamos a preparar a equipa para as eliminatórias e o arranque seria contra a Venezuela, em San Cristóbal. Porém, ficámos toda a semana na Colômbia e apenas viajámos para a Venezuela na sexta-feira. Para mim foi bom, ao fim de tantos voos e de tanto tempo no ar, mas a chegada a San Cristóbal, depois de aterrarmos em Cúcuta, foi terrível. Primeiro, a viagem de autocarro por caminhos de montanha. E, depois, a desordem: não queremos afastar as pessoas, mas também não queremos que as pessoas nos matem. Quando descemos e começámos a caminhar até ao hotel El Tama, deram-me um pontapé, acredito que sem querer, mas que me trouxe mais consequências do que a entrada de Goikoetxea...

Entrei a coxear no hotel e passei a noite toda com gelo no joelho. Ainda bem que estava sozinho no quarto, porque não teria suportado estar com mais ninguém naquele momento. Só adormeci às cinco da manhã. Aquela dor iria acompanhar-me até ao Mundial e não faltou a polémica, a bela da polémica,

que acabei por ultrapassar, uma vez mais graças à mão de Oliva. Mas para isso ainda faltava muito e irei contá-lo melhor mais à frente. Como nunca antes o contei.

Lembro-me que o meu pai, os meus irmãos e Cyterszpiler assistiram ao jogo junto ao relvado. Vi-os quando cheguei ao estádio e contaram-me que não lhes tinham conseguido arranjar bilhetes, pelo que os tinham convidado a ver o jogo ali. O *Turco* estava louco: «Ui, as coisas que o meu irmão vai fazer hoje...», dizia. E a verdade é que fiz algumas, mas custou-me bastante. As eliminatórias sul-americanas são duras. Duríssimas. Voltaria a perceber isso depois, mais tarde, como treinador. Os europeus não fazem ideia do que é jogar nos campos sul-americanos, contra equipas sul-americanas. Pisam-te os calcanhares como ninguém. Todos os campos são difíceis. E aquele jogo com a Venezuela não foi diferente. Teve lugar a 26 de maio, um domingo. Jogámos com *Pato* Fillol na baliza; Clausen e Garré como laterais, Passarella a líbero e Trossero um pouco mais à frente; no meio-campo, Bilardo meteu Russo, para marcar, juntamente com Ponce e *Burru*; no ataque, Pedrito e Gareca alinharam a meu lado.

Começámos bem: aos três minutos já ganhávamos 1-0, com um golo meu, na marcação de um livre. Mas aos nove eles empataram, devido a uma distração. No segundo tempo Passarella marcou um e eu marquei outro pouco depois, de cabeça — de cabeça! — após livre do *Burru*. Mas logo de seguida eles marcaram-nos outro golo e acabámos em dificuldades. Não gostei de que eles nos tivessem causado tantos problemas, até porque a seguir íamos a Bogotá jogar contra a Colômbia, que tinha ganho ao Peru na primeira jornada.

Não era ainda a Colômbia do *Pibe* Valderrama, mas tinha, ainda assim, jogadores como Willington Ortiz ou Iguarán.

E havia a questão da altitude. Teríamos de mostrar a grandeza argentina, a nossa grandeza. Estar em Bogotá era como estar em nossa casa, no nosso local de estágio. Já ali tínhamos estado uma semana e agora voltávamos. Estávamos instalados no hotel La Fontana, ao qual voltaríamos depois e o qual seria muito importante antes do Mundial. A mim tinham-me dado a suíte e estava sozinho. Para ser franco, não me podia queixar.

O *Turco* e o *Lalo*, que eram ainda bastante novos mas que sabiam muito de futebol, passavam muitas horas comigo. E, nos períodos entre uma partida e outra, também havia tempo para uns churrascos. Claro que o responsável por assar as carnes era o meu pai e a carne era levada por Coco, meu sogro. Estas coisas, aparentemente sem grande importância, iam unindo cada vez mais o grupo, um grupo valente, com muitos caciques.

Para o jogo, disputado no El Campín, houve mudanças. Tínhamos tomado nota de algumas coisas na estreia que era preciso mudar: Giusti e Trobbiani entraram para o meio-campo, por exemplo. Giusti esteve muito bem na recuperação e Trobbiani apareceu muitas vezes junto a nós, no ataque. O jogo foi no domingo, 2 de junho. Ganhámos 3-1, com dois golos de Pedrito e um do *Burru*. Passarella veio ter comigo no final do jogo e, não sei porquê, disse-me, no meio do relvado, em plenos festejos...

— Que pena não teres marcado nenhum golo, Diego...

— Não me importo, não me importo. A única coisa que me importa é o apuramento.

Não tínhamos experiência em eliminatórias e queríamos, como é natural, terminar em primeiro lugar. Era uma pressão tremenda. Ainda hoje penso nisso, e tenho a nítida sensação de que se tivéssemos perdido ali, em Bogotá, acabaríamos por ficar fora do Mundial.

TODOS NOS ATACAVAM

Depois, por fim, voltámos a Buenos Aires. No arranque, dos seis pontos possíveis como visitantes somámos os seis e marcámos também seis golos. Digo que estávamos, por fim, de volta, mas nem tudo foi bom no regresso. Dei conta do desagrado que havia com a equipa. Foi impressionante. Vaiaram-nos de uma forma que doía. Foi no domingo, 9 de junho. Claro, eu não tinha estado presente, apenas tinha jogado aqueles dois amigáveis e não percebia nada. Mas parecia que os adeptos tinham ido ao Monumental só para nos assobiarem. A mim não. Mas houve quem passasse um mau bocado, como Trossero, o *Gringo* Giusti, Garré... É certo que só chegámos ao 3-0 com dois golos nos últimos quatro minutos, um por Clausen, após passe meu, e outro por mim, de cabeça, mas massacrámos os venezuelanos. Russo tinha marcado o primeiro e, a partir daí, não os deixámos fazer nada. Como sempre, puseram-me um marcador individual, Carrero, penso que era assim que se chamava, e isso muitas vezes beneficiava-me. Porque sempre gostei do um-contra-um e de levar a melhor sobre o meu marcador direto. Além de que isso abria espaços para os meus companheiros. Foi o primeiro jogo de Valdano como titular e Jorge dava-nos outras alternativas no jogo aéreo. O que importava é que seguíamos, e com pontuação perfeita, rumo ao que todos queríamos: o apuramento para o Mundial.

Uma semana depois já nem todos os que estiveram no Monumental foram lá para nos apupar. Graças ao jogo que fizemos, foram mais os que nos aplaudiram do que os que nos assobiaram. A Colômbia voltou a ser o adversário ideal para percebermos em que patamar estávamos.

Ganhámos 1-0, com um golo de Valdano, de cabeça, para variar, mas se eu tivesse marcado mesmo num lance

em que quase marquei, acho que teriam de me ter contado esse golo a dobrar. Foi uma das jogadas mais lindas de toda a minha carreira na Seleção. Arranquei ainda a meio do nosso meio-campo e, com um pequeno toque, deixei Prince sentado no chão. Depois, em velocidade, escapei a mais dois, creio que Morales e Quiñones, e fiquei com Soto pela frente. Travei, mas consegui deixá-lo para trás. Vieram mais dois na minha direção, Porrás pela esquerda e Luna pela direita. Passei pelo meio deles e descaí para a esquerda, já com o guarda-redes a sair aos meus pés. Rematei dali, mas Gómez tirou-me o golo. Na recarga, Pasculli quase marcou. Jogámos bem, muito bem. Barbas também entrou e encaixou-se na perfeição.

Por essa altura, o meu joelho magoado — por um adepto! — era assunto de Estado em Itália. Principalmente em Nápoles. Até enviaram o doutor Acámpora, que era o médico da equipa, para ver como eu estava. Quando me avaliou, disse: «Nas condições em que está esse joelho, no Nápoles não te teríamos deixado jogar». A minha resposta foi clara, para ele e para todos: «Estive dois anos à espera das eliminatórias e de capitanear a Seleção; sonhei com este momento. O joelho não me vai impedir de desfrutar de tudo isto. Se o médico italiano me vem dizer para não jogar, respondo-lhe que apanhe o primeiro avião e que vá embora, porque vou jogar na mesma.»

Mas o médico não veio sozinho; com ele veio também Pierpaolo Marino, diretor desportivo do clube. Estavam todos assustadíssimos, menos eu. Examinaram-me uma hora antes do jogo, com todos a olharem para mim como se eu fosse um animal raro: estavam lá os dois italianos, Madero, o *Ciego* Fernando Signorini, que era o meu preparador físico e que conhecia o meu corpo como ninguém, e também lá estava o meu irmão... O joelho respondeu bem. Mas se não

respondesse eu teria jogado na mesma. Lembro, esta história do meu joelho iria prolongar-se por um bom bocado. Encanta-me a forma como tudo se definiu, que passo agora a contar.

E APARECEU O NOSSO GOLO

O que estava por definir, e isso era o mais importante, era o apuramento. Seguiam-se dois jogos contra o Peru, primeiro em Lima e depois em Buenos Aires, e foram terríveis, terríveis. Não me lembro de ter sofrido tanto dentro de um campo de futebol como naqueles jogos, ainda que por razões distintas. No primeiro, pela marcação de Reyna, da qual todo o mundo se recorda. O filho da puta seguiu-me de lá até La Habana! Fora de brincadeiras, quando vivi lá enviou-me uma bola de presente.

Lembro-me que no jogo em Lima, a certa altura, saí de campo para ser assistido pelo médico e ele ficou ali perto, parado, à minha espera. Não jogava à bola, limitava-se a seguir-me!

Foi num domingo, 23 de junho, e perdemos, sim, 1-0, com um golo de Oblitas. Reforço, eu gostava de ser alvo de marcação individual, porque com os meus marcadores em cima de mim conseguia fugir deles com um simples toquezinho na bola, mas aquele tipo foi-me à perna, à mão, a tudo... Como Gentile, que em 1982 me tinha enchido de porrada. Eu não lhe dizia nada, nem uma palavra, porque a minha arma contra isso foi sempre jogar. Sempre.

No futebol de hoje, 30 anos depois, Reyna não teria durado 45 minutos em campo. E daquela vez jogou os 90. Recordo-me de que depois falei no hotel com um jornalista e contei-lhe o quanto me sentia mal, não apenas pela derrota.

Julgo que se tiver de escolher um jogo para mostrar o quanto são difíceis as eliminatórias sul-americanas, escolho esse. Nessa tarde Barbas jogou a titular, preocupámo-nos um pouco mais com o meio-campo e eu e o Valdano jogámos sozinhos na frente. As coisas não nos saíam e comecei a preocupar-me com o que vinha pela frente. Até ali tínhamos feito tudo bem. Mas se falhássemos o último passo ia tudo pelo ralo abaixo...

Juro que, há uns anos, quando jogámos no Monumental contra o Peru, nas eliminatórias de apuramento para a África do Sul, me vieram outra vez à memória todas aquelas imagens terríveis. Daquela vez tinha dito que nunca tivera tanto medo em campo e o destino, vejam lá, fez questão de me meter de novo na mesma situação. Não era uma questão de não acreditar em nós, de não acreditar em mim, mas parecia estar tudo contra nós... O relvado pesado, a chuva, os peruanos que de repente pareciam o Bayern de Munique a jogar. Também é verdade que tinham jogadores muito bons, melhores do que Reyna, como Estaban Velásquez, Cueto, Uribe, Oblitas.

É assim que percebemos o quão difícil é ser treinador. Queremos entrar e meter nós a bola lá dentro, mas não podemos. E como é difícil jogar com uma lesão. O maldito do joelho direito não parava de me doer. Conseguia jogar, mas não conseguia fazer um remate colocado. A palavra repescagem não me saía da cabeça... Se perdêssemos íamos para a repescagem. E a dez minutos do fim estávamos a perder 2-1.

Terrível, terrível! Que sofrimento!

Naquela partida jogou Camino no lugar de Clausen e na primeira jogada arrancou Franco Navarro do chão com uma pancada. Tirou-o do campo! Aos dez minutos já estávamos a ganhar por 1-0, com um golo de Pedrito, outra vez, mas eles empataram e passaram mesmo para a frente no final da

primeira parte. Então começaram a aparecer os fantasmas, todos os fantasmas.

Só me apetecia chorar. Sentia impotência... Perguntava como podia estar aquilo a acontecer. Estava a ser tão fácil, estávamos a jogar tão bem e, de repente, dois ataques deles e dois golos. Não encontrava explicação.

Ao intervalo fustigámo-nos a nós mesmos porque sabíamos que estávamos a perder devido a erros nossos, não por mérito deles. Bilardo não deu uma única indicação no balneário, não disse nada dos golos, nem como tinham surgido, nem no que tínhamos falhado. Gritou-nos, apenas, para nos deixarmos de merdas e subirmos ao relvado para nos qualificarmos para o Mundial.

Erro, erro...

Porque entrámos loucos em campo e estivemos mais perto de levar o 3-1 do que fazer nós o 2-2. O tempo voava... Eu olhava para o relógio do Monumental e pensava: «Mas que se passa? Estão a adiantá-lo?» Recordava-me de Carlitos Monzón⁸ no Luna Park a olhar para o relógio contra Bennie Briscoe. Mas eu não estava grogue. O joelho não me deixava fazer o que queria, doía-me terrivelmente, mas havia de passar.

Recuei um pouco para ir buscar jogo e tentar meter mais bolas na área, mas há um lance fundamental em que não participei. Ficámos três contra dois: Barbadillo, Uribe e mais outro qualquer deles frente a Trossero e ao *Pato* Fillol. Se Uribe tem passado a Barbadillo, faziam o 3-1 e a história terminava para nós. Mas Uribe decidiu fazer uma finta e, quando se preparava para rematar escorregou e pegou mal na bola. O *Pato* agarrou-a e saímos vivos dessa jogada.

E, logo depois, apareceu o nosso golo.

⁸ Antigo lutador de boxe profissional argentino

Uma jogada de Passarella e o toque de Gareca, como Palermo mil anos mais tarde, nas eliminatórias para a África do Sul. Já o disse várias vezes: a maneira como Martín pôs o pé à bola foi igual à forma como Gareca a empurrou para o fundo da baliza, não sei quantos anos antes. Igual, igual. Festejei como um louco dessa vez e também depois, da outra, quando me lancei de barriga a deslizar pelo relvado. O sofrimento estava a ser o mesmo. E o desafio foi, também, o mesmo.

Numa conversa com Bilardo, quando ainda falava com ele, disse-lhe: tinha de ter levado Gareca ao Mundial do México como eu levei Palermo ao Mundial da África do Sul. O facto é que Gareca o merecia, por tudo o que tinha dado a Bilardo quando eu ainda não estava lá. Enquanto eu ainda não estava, sejamos honestos, um dos que seguiu Bilardo foi Gareca. Falo em termos individuais. Havia bons jogadores, mas quem definia os lances era o *Flaco* Gareca ... Depois, quando jogava comigo não conseguia fazer o mesmo, o tonto.

Mas recordo perfeitamente até ao dia de hoje o que eu disse na altura a Gareca, quando tínhamos o apuramento na mão e nos tínhamos tranquilizado um pouco, só um pouco, no balneário do Monumental:

— *Flaco*, é assim que vamos terminar a final do Mundial... Sofrendo, mas vencendo.

O primeiro passo estava dado, porém sabia que o que vinha pela frente ia ser duro, muito duro. Mas também sabia que íamos ser campeões do mundo. Contra tudo e contra todos.

O DIA EM QUE ME EXPLODIU O JOELHO

Quando eu metia algo na cabeça era difícil tirarem-mo de lá. Como quando me partiram o tornozelo, no Barcelona.

Abri o jornal do seguinte e li: «Não joga mais.» E eu: «Ah sim? Vão ver, vão ver...»

Com o joelho, depois daquele pontapé na Venezuela, lesão que arrastei ao longo das eliminatórias, foi o mesmo. Não diziam que não ia jogar mais, não chegavam a tanto, mas todos diziam que eu teria de ser operado, que não havia outra solução, e que a recuperação iria levar não sei quanto tempo. Mas eu não me importava com o que eles achavam. Por isso, como da outra vez em Barcelona, voltei a chamar *Loco* Oliva, que tinha tanto de louco como de bom médico.

E *Loco* Oliva disse-me: «Não vais ser operado». Era o que queria ouvir, era o que precisava de ouvir.

O que se passava? Tinha o poplíteo inflamado; aprendi aí o nome desse músculo e jamais o vou esquecer até ao fim da minha vida. E tampouco me vou esquecer da dor: não conseguia esticar a perna.

Bom, desde o pontapé daquele idiota que não tinha parado de ouvir e ler todos os dias: «Maradona tem de ser operado, Maradona tem de ser operado». Toda a gente falava sobre isso e todos diziam o mesmo. O próprio médico do Nápoles estava determinado a avançar com a operação. Mas não *Loco* Oliva. Nem ele, nem eu. Até os médicos do Inter, do Milan, da Roma, da Juve, de todos os grandes, diziam o contrário... Soube bem contrariá-los!

Por que raio se estavam a meter?!

A solução chegou num jogo amigável que disputámos contra uma equipa dirigida por Krol. O doutor infiltrou-me o joelho e eu sentia-o preso. «Daqui a pouco já vai melhorar», disse-me *el Loco*. Mas chegava o momento de arrancar e nada, sentia que continuava preso. Começa o jogo e, aos dez minutos, esqueço-me, parto para ir buscar a bola, rodo, e o joelho deu de si. Explodiu-me!

Fico caído no relvado, com uma dor horrível. Então, Oliva chega junto a mim e diz...

— Rebentou-te o joelho?

— Sim, doutor, siiiiim... Dói-me muito, sinto uma dor terrível!

— Bem, era mesmo isso que eu queria!

Fiquei a olhar para ele. O tipo era mais louco do que eu, pensava. Ouço-o dizer: «Tapem-no, tapem-no... ». Sacou de uma seringa, uma seringa gigante, e infiltrou-me em pleno relvado. Eu estava incrédulo, com dores inacreditáveis.

— Agora mexe-o — disse-me.

E mexi-o, como se não fosse nada. O joelho tinha deixado de estar preso. Continuei em jogo. Acho até que marquei um golo. Ganhámos 2-0. Joguei os 90 minutos e, quando cheguei ao banco, *el Loco* disse-me: «Então, onde estão agora os que te queriam operar?»

ÍAMOS DAR TUDO

Pronto, essa parte estava resolvida. Agora faltava resolver o resto, todo o ruído que havia em redor da equipa.

A equipa precisava de conquistar as pessoas. Como disse, era uma seleção perseguida por causa do treinador que tinha e por causa de onde ele tinha jogado. Havia muitos preconceitos. E também muita gente parva.

Mas quem acabava por sofrer éramos nós, os jogadores, que ouvíamos críticas vindas de todos os lados. Por isso resolvi dar o peito às balas. E porque, com o joelho tratado, em campo, com a camisola do Nápoles, estava a viver um momento mágico. Em finais de 1985, mais ou menos em novembro, realizei o sonho de todos os napolitanos: ganhámos à Juve com um golo meu, na transformação de um livre que Tacconi

ainda hoje não sabe por onde entrou. Era indireto, já dentro da área, e rematei por cima da barreira. Voltou a falar-se muito disso há pouco tempo, porque também se cumpriam 30 anos e porque o Nápoles voltou a dar luta à Juve, como nos velhos tempos. Por mim, que batam todos os recordes, que me superem. Se os napolitanos estão felizes, eu estou feliz.

Naquela altura as coisas estavam a correr muito bem no Nápoles, mas a história era diferente na Seleção. Para que percebam de uma vez por todas o que sinto pela Seleção e que já há 30 anos sentia: naquele momento, entre o Nápoles e a Argentina, eu dava prioridade à Argentina. Porque era o momento de dar o peito e chegar-me à frente.

Talvez fosse por isso que me sentia só, triste e preocupado, como tituló o *El Gráfico*. Sim, recordo-me bem daquela primeira página. Já não faltava muito para o Mundial. Bilardo veio visitar-me a Nápoles e passou o tempo a perguntar-me como estava fisicamente. Não sei o que pensava: que não ia cumprir, que não me ia treinar... Fiquei fodido. E ainda mais fodido fiquei quando ele seguiu para Florença, para falar com Passarella, como se o assunto não estivesse já resolvido. Sabem o que temia? Que tudo o que tinha sido combinado, que tudo o que tinha ficado definido, mudasse de repente, quando já estávamos tão perto do grande objetivo, que era jogar o Mundial e nada mais. Apeteceu-me mandar tudo à merda. Tinha deixado crescer a barba e todos diziam que era um mau sinal. É verdade que não tinha boa cara, mas a minha irmã, Lily, tinha-me dito para experimentar e ver como me ficava. Que ia ficar com um ar mais macho, disse-me. Nessa altura Tota, minha mãe, tinha ido passar uns tempos comigo a Itália e muitas vezes dizia-lhe: «E se voltássemos, Tota? E se fôssemos para Buenos Aires?»

Mais uma vez: não é que tivesse medo, não, mas sabia que se passavam muitas coisas e nem tudo se estava a fazer

como eu gostaria. Vinham aí uns amigáveis meio incômodos. Íamos jogar contra a França, primeiro, depois contra o Nápoles, o meu Nápoles, e por fim contra o Grasshoppers, da Suíça. No balneário, depois dos treinos, Eraldo Pecci, meu colega, provocava-me e perguntava-me se não tinha receio de passar uma vergonha contra os franceses. Não tinha graça nenhuma. Só me apetecia agarrá-lo pelos colarinhos!

Queria que Bilardo se deixasse de merdas e definisse a equipa para o Mundial. Andava com 30 e poucos tipos às voltas e tinha de definir 22. Não digo que fechasse logo ali a lista, mas que a encurtasse, para dar confiança aos que iam jogar. E também aos que tinham suportado os piores momentos. Eu estava até à morte com aqueles que tinham conseguido superar as dificuldades nas eliminatórias. Tipos como Gareca, Pasculli, Camino, Garré, Burrú, *Bocha* Ponce... E até mesmo *Pato* Fillol e Valdano, por mais experiência que tivessem. Na verdade, o que eu queria era que Bilardo respeitasse os homens, mais do que os jogadores. E que levasse homens, acima de tudo. Isso, homens. Tipos como o *Tolo* Gallego, que me encantava, ou o *Guaso* Domenech, que vinha de baixo. Aquele não era um plantel de foras-de-série, de fenómenos. Mas eram jogadores que se matavam a trabalhar. Por isso disse publicamente que gostava que Bilardo desse uma oportunidade a Ramón Díaz. Sim, a Ramón Díaz. Disse-o antes do Mundial '86 e também antes do Mundial '90. Por isso, essa história de que eu punha lá os jogadores que queria não passa de uma lenda, de uma invenção... Barbas ia acabar por ficar fora do Mundial! Barbas, que era como meu irmão!

Quem andava ali sempre meio fora, meio dentro era *el Bocha*, Bochini. O meu sonho de infância, todos o sabem, era jogar com ele. E acabámos por quase nunca coincidir. Ele esteve em grande forma na altura em que eu estive de fora e depois baixou muito. Cruzámo-nos em finais de 1985, nuns

amigáveis contra o México, em Los Angeles. Por mim levava-o, por mais louco que estivesse. Tal como *Bichi* Borghi, apesar de ser ainda muito jovem e de às vezes fazer uma finta a mais, ou dar uns pontapés, como o que deu no primeiro amigável, contra a França. Não passámos nenhuma vergonha, como Pecci dizia, mas perdemos 2-0. Borghi foi expulso, devido a uma entrada duríssima sobre Luis Fernández, creio, e Passarella também só não foi expulso por acaso, porque deu um pontapé horrível a Tigana. Três dias depois jogámos contra o Nápoles no San Paolo. Para mim foi estranho jogar contra os meus companheiros naquele estádio, mas foi acima de tudo um jogo de exibição. Aí, Bilardo colocou pela primeira vez Passarella a líbero e Ruggeri e Garré a centrais de marcação, mas iria passar-se muita coisa até voltar a usar esse esquema tático. Muita coisa.

Depois, a equipa viajou até à Suíça, para jogar contra o Grasshoppers, em Zurique. Ganhámos 1-0, com dificuldade, e era por isso que aqueles eram jogos que eu não queria, com os quais não concordava... Para quê? Se ganhássemos, não ganhávamos nada. Se perdêssemos, matavam-nos. Não percebia essa ideia de Bilardo. E não nos percebiam a nós, a mim, quando dizia que esperassem, que fossem pacientes, por favor! Que quando estivéssemos no México, todos juntos, iam ver o que valíamos realmente.

Preocupavam-se com a minha condição física, por exemplo, e eu sabia perfeitamente como me estava a preparar e como me ia preparar. Diziam que os europeus corriam mais do que nós, que eram mais fortes, mas eu estava convicto de que no México as coisas iam ser diferentes, bem diferentes. Que íamos conseguir fazer o que queríamos. Por exemplo, que nós, os avançados, nos íamos comprometer também com as tarefas defensivas e que não íamos ficar parados quando perdêssemos a bola.

A mim as críticas tornavam-me mais forte. Dizerem que Maradona era apenas mais um jogador dava-me força, não me deitava abaixo. Mas não era assim com todos. Alguns levavam as críticas a peito. Se acreditássemos no que diziam, Borghi não era uma grande promessa e Pasculli não marcava golos a ninguém, por exemplo... Por isso digo que éramos uma seleção perseguida.

Em abril, Bilardo anunciou a lista final. E não me fez grandes favores. Não levou Gareca, não levou o *Pato*, não levou Barbas... Pelo menos, chamou *Negrito* Enrique, um craque. Tinha-o utilizado uma única vez, em Toulon, mas nunca tinha estado connosco, com a seleção principal, e foi uma surpresa. Muitos, como Barbas ou Trossero, ficaram com vontade de matar Bilardo... No fim, os nomes da lista acabaram por ser Pumpido, Islas e Zelada como guarda-redes; Brown, Clausen, Cucciuffo, Garré, Olarticoechea, Passarella e Ruggeri como defesas; Batista, Borghi, Bochini, Burruchaga, Enrique, Giusti, Tapia e Trobbiani como médios; Almirón, Pasculli e Valdano como avançados. E eu como capitão, claro.

Partimos para nova digressão e correu mal, mal.

Ui, como nos atacaram quando perdemos com a Noruega! Depois metemos sete a Israel, mas não chegava. Para os que estavam de fora não chegava.

Para mim, sim. Eu estava convencido de que, se nos deixassem a nós, jogadores, em paz, se nos deixassem treinar como queríamos no México, todos juntos e sossegados, íamos estar preparados para ganhar o Mundial.

Eu amava aquela seleção. Amava-a particularmente. Sentia-a minha. Era o capitão e tinha um grupo de homens excepcionais. Cheguei a dizer que só nos faltava sorte. Mas não: o que nos faltava era trabalho, muito trabalho... E sentia que nos faltavam ao respeito. A nós, os jogadores. Não estava disposto a aguentar aquilo.

A única coisa que pedia era que nos dessem tempo. Que dessem tempo aos jogadores. A mim e a todos. Não era o capitão da pior Seleção da história, como declarei naquela altura. Eram muitas as pessoas que se deixavam levar pelo que diziam os jornalistas. Mas, se nos deixassem sossegados, íamos conseguir. Eu tinha-me tornado muito mais forte em Itália: para me deitarem ao chão tinham de me dar quatro pontapés. Ou mais. Estava a preparar-me com tudo. Mas não paravam de nos apontar com canhões, de todos os lados.

Foi aí, depois dessa maldita digressão, que surgiu aquela história de o Governo querer despedir Bilardo. Foi terrível. E eu saí em sua defesa. Até hoje. Até ao dia de hoje. Fiz, há 30 anos, o que quase 30 anos mais tarde, depois do Mundial 2010, Bilardo não fez por mim.

Serviu para algo, pelo menos. Porque aí, nesse momento, acabou o tempo das palavras. Agora havia que começar a jogar. E nós, os jogadores, íamos dar tudo.

• OS GOLOS AOS INGLESES
• A GUERRA COM A FIFA • A EQUIPA IDEAL
• OS ITALIANOS • BILARDO • MENOTTI • PASSARELLA
• MESSI • O PAPA • A DROGA • AS MALVINAS
• OS BALNEÁRIOS • A ALEMANHA

E AGORA?

Trinta anos depois da consagração no mundial do México em 1986, Diego Armando Maradona revisita e relata, com a sua voz inconfundível, o momento mais brilhante da sua carreira, quando liderou a equipa argentina até um título mundial que não se tornou a repetir até hoje. Vista desde o presente, aquela façanha histórica ganha contornos de lenda: como a conseguiu, junto aos seus companheiros, contra tudo e contra todos, contada na primeira pessoa.

Abordando tudo, desde os dois anos e meio impedido de envergarmos a camisola da Seleção, até à lesão brutal fruto de uma entrada de Goikoetxea, jogador do Athletic de Bilbao, passando pelos problemas pessoais com Daniel Passarella e chegando aos últimos anos e à sua relação com Messi, *El Pibe* não deixa nenhum pormenor de fora na sua procura por aquela que entende ser, de forma definitiva, a sua verdade.



DIEGO
(10)

<p>V o g a i s com todas as letras 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8849-53-3  9 789898 849533 Biografia/Memórias</p>
--	--